

07/11/2018 - 05:00

## Viver com as mudanças climáticas

Por **Patrick Verkooijen**

Para qualquer pessoa ainda indecisa sobre as consequências do aquecimento global, o verão de 2018 (de junho a setembro, no hemisfério Norte), um dos mais quentes já registrados, pode ter sido o fator conclusivo. Em longitudes e latitudes amplamente distribuídas, as regiões enfrentam dificuldades em enfrentar as consequências de fatos ligados ao clima.

No sul dos Estados Unidos, cidades de grande e médio portes assoladas pelo Furacão Florence em setembro ainda estavam em processo de secagem quando o Furacão Michel trouxe mais inundações, em outubro. Na Califórnia, bombeiros combatem o rescaldo do maior incêndio florestal da história do Estado. E, em áreas de América Latina, Europa, África e Ásia a produção agrícola está em queda livre após meses de calor sufocante.

A queda das temperaturas foi de pouca utilidade para amenizar o sofrimento. De acordo com o Departamento Oceânico e Atmosférico Nacional dos EUA, condições de seca de "moderadas" a "excepcionais" cobrem 25,1% do território do país. Mas a seca "extrema" e a "excepcional" - as categorias mais graves - se expandiram e passaram a abranger 6,3% do país, em relação aos 6% de meados de setembro. Regiões da Austrália também estão às voltas com a pior seca em uma geração.

Aliás, para um número crescente de pessoas do mundo inteiro, enchentes, deslizamentos de terra e ondas de calor - em suma, o verão do Japão - são o novo normal. Recente estudo publicado na revista especializada "PLOS Medicine" projeta a quintuplicação do número de mortes relacionadas ao calor nos EUA até 2080; a perspectiva nos países mais pobres é ainda pior.

A discussão sobre o clima não gira mais em torno de causas; os combustíveis fósseis e a atividade humana são os culpados. A interrogação é a forma pela qual bilhões de pessoas e ramos de atividade econômica em risco conseguirão se adaptar rapidamente e garantir a maior resistência possível da parte de suas comunidades. Mesmo se o mundo cumprir a meta do Acordo de Paris, sobre o clima, de limitar a elevação da temperatura mundial a 2º Celsius em relação aos níveis pré-industriais, a adaptação continuará sendo crítica, pelo fato de os extremos climáticos serem agora o novo normal.

Algumas comunidades já reconheceram isso, e já avançaram bastante na adaptação local. Em Melbourne, Austrália, por exemplo, os planejadores estão empenhados em dobrar a cobertura arbórea da cidade até 2040, medida que baixará as temperaturas e reduzirá as mortes relacionadas ao calor.



***Nos próximos 15 anos, o mundo terá de investir US\$ 90 tri em melhorias de infraestrutura. Se eles forem ou não criados com recursos de baixo carbono determinará um futuro mais resistente aos efeitos climáticos ou a ruína de alimentos, da água e da segurança em várias décadas***

No mesmo sentido, em Ahmedabad, cidade de mais de 7 milhões de habitantes da Índia ocidental, autoridades lançaram uma iniciativa de peso que consiste em pintar telhados com tinta reflexiva a fim de baixar as temperaturas das "ilhas de calor", áreas urbanas que capturam o calor do sol e tornam a vida na cidade insuportável, mesmo à noite. Essas são apenas duas das muitas reações desenvolvidas por comunidades do mundo inteiro no plano da infraestrutura.

Mas se adaptar à mudança climática envolve também administrar as consequências econômicas de longo prazo dos climas extremos, e esse é um requisito que os países estão apenas começando a levar a sério.

Consideremos a escassez de água. De acordo com análise de 2016 de Banco Mundial, crises hídricas ligadas à seca na África e no Oriente Médio poderão reduzir o PIB dessas regiões em nada menos que 6% até 2050. Isso causaria sofrimento generalizado, mas seria devastador em regiões já assoberbadas pela turbulência política e pelas crises humanitárias.

Ao mesmo tempo, a elevação dos níveis do mar causará danos severos às áreas litorâneas. A queda dos valores dos imóveis terá implicações de grande alcance não apenas sobre a riqueza individual como também sobre a receita das comunidades e dos setores produtivos que as atendem.

Uma preocupação relacionada é a de que as residências e as empresas do mundo inteiro acabarão ficando subsegurados ou mesmo inasseguráveis, devido à frequência das catástrofes naturais ligadas ao clima. A ClimateWise, rede mundial de organizações do setor de seguros, já advertiu que o mundo está diante de um "déficit de proteção" contra o risco climático de US\$ 100 bilhões anuais.

Não há nenhuma organização ou órgão internacional único que tenha todas as respostas para essa enxurrada de desafios. Mas alguns estão assumindo papéis fundamentais de liderança e levando os governos e as comunidades locais a agir com mais premência. Uma das iniciativas mais promissoras, lançadas justamente nesta semana, é a Comissão Global de Adaptação, presidida pelo ex-secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, por Bill Gates, cofundador da Microsoft, e pela diretora-executiva do Banco Mundial, Kristalina Georgieva.

Nos próximos 15 anos, o mundo terá de investir cerca de US\$ 90 trilhões em melhorias de infraestrutura. A maneira pela qual esses projetos avançarão e o fato de eles serem ou não criados com recursos de baixo carbono poderão conduzir o mundo rumo a um futuro mais resistente aos efeitos climáticos - ou poderão arruinar os alimentos, a água e a segurança nas próximas várias décadas. **(Tradução de Rachel Warszawski)**

**Patrick V. Verkooijen é diretor executivo do Global Center on Adaptation. Copyright: Project Syndicate, 2018.**

**[www.project-syndicate.org](http://www.project-syndicate.org)**